



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
GRUPO DE ESTUDO E PESQUISA EM PSICOPEDAGOGIA  
ESCOLAR – GEPPE**

**IV CONGRESSO DE PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR**

**“O conhecimento psicopedagógico e suas interfaces:  
compreendendo e atuando com as dificuldades de  
aprendizagem”**



**ANAIS DO EVENTO**

**ISSN: 2179-7978**

**09 A 12 DE NOVEMBRO DE 2015**

**Os conteúdos dos textos são de responsabilidade de seus autores**

# **ORIENTAÇÃO VOCACIONAL - PROPOSTA PARA EVITAR A RETENÇÃO E EVASÃO DE ALUNOS NO ENSINO SUPERIOR**

Guacira Quirino Miranda  
Universidade Federal de Uberlândia  
[guaciraqm@hotmail.com](mailto:guaciraqm@hotmail.com)

## **Resumo**

As universidades, dentre elas a Universidade Federal de Uberlândia, estão enfrentando desafios relativos ao aumento dos índices de retenção e evasão de alunos em seus cursos. A constatação deste fato levou a Universidade a instituir o Programa Prossiga como forma de combate a este problema de retenção e evasão de alunos. Refletimos sobre a situação e apresentamos, neste artigo, a proposta da Orientação Vocacional para os alunos do último ano do ensino médio das escolas públicas e para os alunos do período inicial dos cursos de graduação em instituições públicas de ensino superior como forma de ajudar a diminuir essas ocorrências. A democratização e expansão das universidades contribuíram para o incremento do acesso de pessoas mais pobres ao ensino superior. Os alunos provenientes de escolas públicas não recebem, geralmente, essa orientação, e isto pode resultar em dificuldades na escolha do curso e em sua adaptação no ambiente universitário. Por meio de uma pesquisa bibliográfica buscamos os elementos que fundamentam nossa proposta. A orientação vocacional é vista no âmbito da atuação psicopedagógica escolar a partir da perspectiva de que a escolha profissional extrapola o conhecimento das características dos cursos e profissões, para buscar as afinidades entre competências, objetivos e valores pessoais. Nossas conclusões não encerram o diálogo, pois reconhecemos a necessidade de se constituir um espaço aberto às reflexões e interações entre os diferentes atores, com o objetivo de buscar proporcionar a maior satisfação e o desempenho positivo dos alunos, pois estes são fundamentais para sua permanência e sucesso.

**Palavras chave:** Orientação vocacional, ensino médio, ensino superior

**Eixo temático 3:** Atuação psicopedagógica na escola

## **ORIENTAÇÃO VOCACIONAL - PROPOSTA PARA EVITAR A RETENÇÃO E EVASÃO DE ALUNOS NO ENSINO SUPERIOR**

Guacira Quirino Miranda  
Universidade Federal de Uberlândia  
[guaciraqm@hotmail.com](mailto:guaciraqm@hotmail.com)

**Palavras chave:** Orientação vocacional, ensino médio, ensino superior

**Eixo temático3:** Atuação psicopedagógica na escola

É inquietante sabermos que o aumento da retenção e evasão estudantil é um problema que vem sendo enfrentado pelas universidades. Recentemente, a Universidade Federal de Uberlândia (UFU), por meio de sua Pró-reitoria de Graduação (Prograd) e da Pró-reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis (Proex), divulgou o Programa Prossiga - Programa Institucional de Graduação Assistida, que visa solucionar os índices de retenção e evasão de alunos nos cursos de graduação. As informações e medidas propostas pelo Programa Prossiga, a serem desenvolvidas por meio de subprogramas, são importantes para enfrentar o desafio que se apresenta. A preocupação em resolver esses índices se justifica, conforme confirma a notícia divulgada pela imprensa informando que a evasão tem sido crescente nos últimos anos:

Um estudo realizado pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) mostrou que nos últimos anos a evasão universitária teve alta na instituição. Em 2013, foram registrados 563 abandonos e 701 jubileamentos. Já em 2014, o número foi de 1599 e 220, respectivamente. Neste ano, a UFU registrou 553 abandonos e 1765 jubileamentos (GLOBO.COM, 2015).

Estes são dados relevantes para se pensar sobre a retenção e a evasão de alunos.

Foi a partir destas constatações que colocamo-nos a refletir sobre as contribuições que a atuação psicopedagógica pode realizar a fim de auxiliar no trabalho relativo à redução da retenção e evasão de alunos. De que forma pode se dar esta contribuição? Uma das respostas encontradas é proposta neste artigo que defende um trabalho de orientação vocacional para os alunos, tanto na educação básica, sobretudo no último ano do ensino médio, que antecede o ingresso à universidade, quanto no período inicial dos alunos que se inserem na educação superior.

Nossas considerações foram elaboradas a partir de pesquisa bibliográfica, e de nosso conhecimento e experiência sobre o assunto, adquiridos na formação acadêmica e na condução de oficinas de gestão de carreira.

### **Proposta para evitar a retenção e evasão de alunos do ensino superior por meio da orientação vocacional**

O termo “retenção” também pode representar a permanência do aluno na instituição, ou seja, é o contrário de evasão. Por isto ressaltamos que a retenção à qual nos referimos, e de acordo com o que está escrito no documento que informa sobre o Programa Prossiga, significa a permanência do aluno por um tempo superior àquele previsto para a conclusão do curso. Esta retenção pode se dar de várias formas, seja por trancamento ou reprovação, ou porque o débito em uma disciplina impede o aluno de cursar disciplinas posteriores. A retenção pode acabar culminando no jubramento, quando o aluno é excluído do cadastro da instituição por haver se esgotado o tempo máximo de permanência para conclusão do curso previsto nas normas do Conselho Nacional de Educação.

A evasão ocorre quando o aluno deixa de frequentar a universidade, não conclui o curso, e isto se dá por vários motivos. Segundo o documento do Prossiga, a evasão ocorre devido a reprovações, mau relacionamento com professores, falta de hábitos de estudo, entre outros fatores.

Um fato a ser considerado é que, se antes a possibilidade de acesso aos cursos superiores era provável somente para um segmento da população, agora, com a democratização e a expansão das universidades, mais pessoas podem aspirar ocupar as vagas nas diversas instituições públicas de ensino superior. O Portal Brasil (2014) publicou dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, informando que no período de 2004 a 2013 houve incremento no acesso de pessoas mais pobres às universidades:

Em relação ao ensino superior, houve redução da participação dos estudantes que fazem parte dos 20% mais ricos (5ºquinto) entre 2004 e 2013 nas duas redes de ensino.

Em 2004, eles representavam 55,0% dos estudantes da rede pública e 68,9% da rede privada.

Em 2013, esses valores caem para 38,8% e 43,0%, respectivamente. Com isso, os estudantes do quinto com maiores rendimentos deixaram de ser maioria nas duas redes do ensino superior, aumentando o acesso à educação de pessoas dos demais estratos de rendimento, inclusive dos mais pobres (PORTAL BRASIL, 2014).

Acreditamos que o acesso das pessoas com menor renda ao ensino superior é uma razão a mais para a defasada importânciada orientação vocacional. As pessoas mais ricas encontram maiores facilidades para a obterem esta orientação, pela contratação de profissional que as orientem e porque muitas escolas privadas oferecem este atendimento. As pessoas menos favorecidas geralmente desenvolvem seus estudos em escolas públicas que pouco as orientam com relação às suas escolhas profissionais, e por isto a necessidade de ir ao encontro dessas pessoas oferecendo-lhes melhores condições de realizarem suas escolhas.

A orientação vocacional, também compreendida como orientação vocacional ocupacional, orientação profissional ou orientação de carreira, vai além da escolha de uma profissão. A vocação não se refere somente às qualidades inatas da pessoa. Pensamos na perspectiva de que a vocação contém fatores biopsicossociais, ou seja, a pessoa nasce com algumas vocações, habilidades e tendências em gostar de algumas coisas. Os componentes biológicos e sociais associam-se, exercendo mútua influência. A pessoa modifica e é modificada pelo meio, sobretudo nas interações com outras pessoas. As experiências são dinâmicas e as modificações ocorrem nesse processo de desenvolvimento. Vista sob este prisma, a orientação vocacional considera que a construção da carreira constitui ao longo de toda a vida.

De acordo com a teoria do psicólogo Donald Super, baseada nas perspectivas desenvolvimental e construtivista, o desenvolvimento vocacional se inicia na infância e se constitui ao longo da vida. A teoria de Super, segundo Herr (2008), fornece um importante modelo sobre o desenvolvimento e intervenções de carreira. Para Super, os estágios de carreira se localizam em cinco estágios de vida: Crescimento, que vai do nascimento até os 13 ou 14 anos de vida; Exploração, dos 15 aos 24 anos; Estabelecimento, dos 24 aos 44 anos; Manutenção, dos 44 aos 64 anos; e Descompromisso, após os 64 anos de idade.

Neste artigo, interessa-nos verificar os dois primeiros estágios, pois estão diretamente ligados às escolhas iniciais para o desenvolvimento da carreira (o conceito de carreira engloba a ideia de construção profissional como processo, que inclui os conhecimentos adquiridos em ambientes formais ou não formais e a experiência que vai sendo acumulada ao longo da vida). Para a orientação vocacional dos estudantes, consideramos que o estágio de Crescimento é compatível com o período que vai até o ensino fundamental, e o estágio de Exploração tem correlação com o período do ensino médio e superior.

Para Super, a criança constrói seu autoconceito vocacional desde o nascimento, e nesse primeiro estágio de vida desenvolve capacidades, atitudes, interesses, iniciando a

constituição de seu entendimento de mundo. Isto se dá no contexto social, na relação com pais, professores, colegas e demais pessoas. Nesse estágio, do Crescimento, as tarefas de carreira incluem: “tornar-se preocupado em relação ao futuro, aumentar o controle pessoal sobre a própria vida, convencer-se da importância de realizar-se na escola” (Oliveira, 2011, p. 19). É nesse período que a criança desenvolve progressivamente hábitos e rotinas, e já adquire competências que serão utilizadas no mundo do trabalho.

Nesse primeiro estágio, o papel da escola é importante para a construção das habilidades e competências relativas aos aspectos de autoconhecimento, sociabilidade e socialização, além da aquisição de conhecimentos básicos sobre os conteúdos do saber historicamente constituído.

O segundo estágio, da Exploração, que vai dos 15 aos 24 anos, equivale à adolescência e ao início da idade adulta. Nessa fase vai sendo constituído o autoconceito vocacional no contato com a realidade. De acordo com a teoria de Super, esse estágio contempla três tarefas do desenvolvimento: a cristalização, a especificação e a implementação. Nesse período a pessoa busca compreender a si própria e vislumbrar seu lugar no mercado de trabalho. A fase da cristalização vai do início ao meio da adolescência (dos 14 aos 18 anos), e nessa fase são identificadas as preferências de carreira, especificando o campo de trabalho dentro de uma área mais ampla de atuação profissional. Na escola, as experiências sociais, de trabalho e de lazer, contribuem para a identificação dos interesses e competências a serem desenvolvidas. Na fase de especificação parte-se para uma escolha mais exata dentro da área de interesse, de modo a possibilitar o estabelecimento de uma meta vocacional. Na fase de implementação, que ocorre geralmente entre os 18 e 21 anos, época final da adolescência e início da idade adulta, a escolha especificada se converte em um específico engajamento, que contempla a educação especializada e o início da atuação ocupacional profissional (OLIVEIRA, 2011).

Para o trabalho de orientação vocacional com adolescentes e jovens, que propomos ser realizado no ano final do ensino médio e ano inicial do ensino superior, é importante que o profissional orientador conheça e considere o aluno a partir de seu estágio de Crescimento. Saiba as crenças, valores e atitudes que se constituíram a partir desse primeiro estágio, de modo a permitir a análise e encontrar subsídios para o trabalho a ser realizado com o aluno. No estágio de Exploração é possível que a pessoa já tenha alguma experiência com o mundo do trabalho, é importante conhecer essas experiências, mas operar, sobretudo, com relação às expectativas e perspectivas do aluno. No processo de autoconhecimento e autoconceito vocacional, o aluno vai conhecer/reconhecer “quem eu sou”, e vai trabalhar

em “quem eu quero ser”. A escolha profissional não é determinante para quem eu quero ser, embora contemple “o que eu quero ser”. O trabalho com as âncoras de carreira nos parece importante para exemplificar esta afirmativa e mostra que o autoconhecimento é fundamental para a escolha profissional. As âncoras de carreira são o reflexo da personalidade (concepções de mundo, crenças e valores), e são constituídas pelas experiências de vida desde o nascimento até a idade adulta.

Schein (1996) desenvolveu um inventário que permite identificar as âncoras de carreira. As 10 fases de carreira apontadas por este autor possuem similaridades com aquelas apresentadas por Super, embora sejam especificadas de modo mais detalhado ao longo da carreira profissional contemplando, por exemplo, momentos de crise e reavaliação. Destacamos as seguintes fases, que estão mais relacionadas aos propósitos deste texto: a Fase 1 é a do crescimento, fantasia e exploração, período associado à infância e pré-adolescência; a Fase 2 é a da educação e treinamento, cujo processo pode ser curto ou demorado e, dependendo da profissão escolhida, se realiza continuamente ao longo da vida; a Fase 3 é a do ingresso no mundo profissional, que se constitui principalmente em um período de adaptação, no qual “aptidões, objetivos e valores são testados em meio às atribuições da vida prática” (p. 22). Mencionamos a fase relativa à crise e reavaliação porque muitas vezes, antes do ingresso no mundo profissional, e ainda no curso superior, a pessoa percebe que não se identifica com a carreira escolhida, e este problema, a nosso ver, seria minimizado caso a pessoa tivesse recebido a orientação vocacional.

As âncoras de carreira, na taxonomia de Schein (1996) são as seguintes:

- Competência técnica e funcional: pessoas motivadas a exercerem seus talentos como “experts”, que procuram conhecimentos especializados e cujo trabalho valorize suas habilidades e competências. Uma vez que o mundo do trabalho está em constante atualização, estas pessoas procuram estar atualizadas, estudando e se especializando sempre.
- Desafio puro: Pessoas movidas por desafios cada vez mais difíceis. Pensam e querem obter o sucesso enfrentando todos os obstáculos, e na ausência de desafios se sentem desmotivadas.
- Estilo de vida: A carreira deve estar integrada ao estilo de vida da pessoa, que valoriza suas necessidades individuais e familiares e, por isto, procura maior flexibilidade no trabalho e busca ocupações que respeitem e estejam em conformidade com seus interesses pessoais.

- Dedicção a uma causa: Pessoas que fazem suas opções de carreira baseadas em seu desejo de modificar e melhorar o mundo. Mais do que retorno financeiro, se satisfazem com os resultados e o reconhecimento de seus trabalhos.
- Segurança e estabilidade: Pessoas que procuram uma previsibilidade, de modo a se sentirem seguras e estáveis em seus trabalhos. Acreditam na lealdade, podendo confiar suas carreiras nas mãos dos empregadores.
- Competência administrativa geral: Pessoas com ambição em alcançar os níveis hierárquicos mais altos da empresa, tornando-se responsáveis por planos e decisões importantes e buscando remunerações mais altas. São os “tomadores de decisão”, com habilidades para supervisionar e motivar as demais pessoas. Precisam ter grande equilíbrio emocional e disposição em assumir responsabilidades.
- Autonomia e independência: Pessoas que não gostam de depender de outras, e não desejam se submeter a regras, horários, vestimentas ou procedimentos. Preferem ter objetivos definidos e se sentirem livres para trabalhar “do seu jeito”. Geralmente optam por profissões autônomas ou não se submetem a um emprego formal.
- Criatividade empresarial: Pessoas que desejam abrir seus próprios negócios, ou desenvolver novos produtos e serviços. Possuem talento, criatividade e grande motivação. Buscam retorno financeiro, pois gerar dinheiro é uma forma de medir o sucesso de suas empresas, e isto as diferencia daqueles cuja âncora é a autonomia e independência.

Para identificar suas âncoras de carreira, a pessoa responde a um questionário de levantamento das inclinações profissionais (atribuindo peso a cada uma das afirmativas e transcrevendo as respostas para uma tabela de contagem de pontos).

Percebemos, portanto, a partir do exemplo da identificação das âncoras de carreira, que escolha profissional extrapola o conhecimento das características de determinadas profissões, e busca uma afinidade entre competências, objetivos e valores.

É relevante que a orientação se direcione menos para a lista de profissões que há para escolher, e foque mais na pessoa que irá realizar a escolha. De acordo com Herr (2008), com a ascensão das Teorias do Comportamento a orientação vocacional assumiu uma visão de cunho psicológico, com perspectivas ligadas ao conhecimento de si e dos fatores que influenciam sobre o como e o que a pessoa escolhe.

Estas perspectivas sugerem que as escolhas individuais não podem ser divididas em escolhas pessoais, acadêmicas ou profissionais. Em vez disso, as escolhas são holísticas e interativas. O que alguém escolhe no domínio acadêmico afeta o leque de profissões que irá considerar para si. E, quaisquer que sejam as escolhas acadêmicas ou profissionais que alguém faz, isso tende a ter implicações na



tomada de risco, investimento e comprometimento a nível pessoal (HERR, 2008, p. 19).

Sobre a orientação a ser dada aos alunos do ensino médio, elencamos alguns fatores que devem ser levados em consideração, principalmente quando mencionamos as expectativas e perspectivas de carreira profissional. As expectativas se baseiam no conhecimento de mundo que o aluno desenvolveu, sendo influenciadas pela família e pelo contexto social. Em muitas famílias, a possibilidade de ter um filho cursando a universidade é motivo de expectativas e cobranças. Pais que nunca tiveram a oportunidade de estudar vislumbram, a partir da conquista do diploma universitário, carreiras bem sucedidas para os seus filhos. Desejam que sejam doutores, geralmente médicos ou advogados. Sacrificam-se para dar aos filhos essa possibilidade. Filhos que antes poderiam estar trabalhando e ajudando a compor a renda familiar agora protelam seu ingresso ao mercado de trabalho. Refletir sobre as expectativas é compreender de onde vieram e quais as bases para as escolhas que geram. É pensar se essas escolhas são mesmo da pessoa, ou são feitas com base em influências externas podendo gerar, no futuro, problemas ou frustrações. É considerar que é plenamente possível que um aluno que estudou em escola pública e não teve acesso ao cursinho preparatório para o vestibular, por exemplo, pode ser aprovado em um curso de muito concorrido em uma instituição pública de ensino. Mesmo que às vezes, quando não consolidou os conhecimentos básicos dos exames, tenha que despender enorme esforço intelectual e empenho pessoal, abrindo mão das horas de lazer e do convívio com a família e os amigos. Dizemos isto porque sabemos que nem sempre o ensino fundamental e o ensino médio oferecem a base de conhecimentos necessários para a aprovação nos exames seletivos, uma vez que sua concepção não é a de preparar os alunos para o vestibular, mas sim para a vida, para o exercício da cidadania, pois nem todos irão frequentar o ensino superior (ainda que Exame Nacional do Ensino Médio - Enem seja usado como critério de seleção para o ingresso nas universidades).

Valore (2002) escreveu sobre o trabalho de orientação profissional na escola pública, que deve estar contextualizado com a realidade social dos alunos. Caberá ao profissional o enfrentamento das diferenças, inclusive aquelas que se relacionam aos preconceitos e representações construídas pelo próprio orientador:

Caberá ao orientador saber lidar com as possíveis diferenças quanto à realidade social de seus orientandos, sem escamoteá-las em nome de um discurso falsamente democrático em que se mistifica a “igualdade de oportunidades”, em uma sociedade marcada, o tempo todo, pela exclusão (VALORE, 2002, p. 129).

Para Valore (2002), reconhecer as diferenças e as dificuldades materiais que os alunos da escola pública enfrentam não significa colocar empecilhos para que os sonhos não se concretizem. Significa estar aberto ao diálogo para perceber a realidade dos alunos, e “analisar - de modo realista - as condições existentes para a realização de uma escolha satisfatória e as possibilidades de superação de eventuais dificuldades”.

O aluno do ensino médio precisa saber que, depois de superar a barreira do processo seletivo, novos desafios irão se apresentar, e que cabe a eles superá-los sem perder de vista seus objetivos.

Ainda sobre as expectativas e perspectivas, quanto maior o conhecimento do aluno, mais fácil será para ele realizar suas escolhas. Por isto é importante que saiba os cursos superiores disponíveis e as relações do curso escolhido com as futuras experiências de trabalho; e também que conheça as características e a realidade prática das profissões, do mercado de trabalho e do processo de inserção nesse mercado. Afinal, não é possível aspirar ao que não se conhece.

A expectativa, como antecipação de uma satisfação futura, é um importante motor para a consecução dos objetivos que se deseja realizar. O compromisso (que é a ligação emocional e a identificação com o objetivo), a persistência na ação e um autoconceito positivo, aliam-se às expectativas para tornarem factíveis as escolhas que foram feitas. A respeito da orientação aos alunos ingressantes no curso superior, ponderamos que o trabalho se torna mais fácil se houver orientação vocacional desde o ensino médio. Ao ascender à universidade, o aluno acredita (e espera-se) que muitas de suas preocupações com relação ao futuro profissional já tenham sido resolvidas.

O Programa Prossiga aponta a reprovação em determinadas disciplinas como fator de retenção do aluno no curso superior. As disciplinas elencadas são: Cálculo Diferencial e Integrale disciplinas equivalentes, Geometria Analítica, Introdução à Computação, Física Experimental e Teórica, Química Experimental e Teórica, Bioquímica, Estatística, Farmacologia, Português (produção de textos acadêmicos). O Programa propõe que professores com comprovada formação e experiência contribuam com propostas de ações, metodologias e práticas pedagógicas que ajudem os alunos a superarem suas dificuldades. Acreditamos que o psicopedagogo escolar pode ajudar nesse trabalho, em uma ação preventiva que começa antes do ingresso ensino superior, com a verificação e análise, com os alunos, dos componentes da grade curricular de cada curso, para que pensem em sua identificação com o que é proposto. O trabalho continua na instituição de ensino

superior, podendo ser realizado por meio do apoio ao trabalho de diagnóstico e intervenção relativos à retenção e evasão dos alunos, bem como o auxílio aos docentes em questões relativas às intervenções e aos processos de avaliação dos alunos, além do trabalho de orientação diretamente com os discentes. Cabe aqui retomarmos as causas de evasão apontadas no documento institucional do Programa Prossiga, que são as “dificuldades de relacionamento professor-aluno, a desorientação e o desamparo no ingresso e no curso da vida universitária, a falta de hábitos de estudos, a dificuldade de acesso aos professores, dentre outros” (s. p.).

Em nossas considerações finais deixamos em aberto o convite para a reflexão sobre a contribuição que o psicopedagogo escolar pode dar com relação à orientação vocacional dos alunos, com o objetivo de auxiliar no combate à retenção e evasão nos cursos superiores. A permanência e o sucesso do aluno refletem sua satisfação e desempenho positivo, e para que isto aconteça, nós e a universidade reconhecemos a necessidade de se constituir um espaço aberto às reflexões e interações, em um diálogo constante entre os diferentes atores.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Em nove anos, aumenta escolaridade e acesso ao ensino superior. **Portal Brasil: Cidadania e Justiça**. 2014. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2014/12/em-nove-anos-aumenta-escolaridade-e-acesso-ao-ensino-superior>>. Acesso em: 13 set. 2015.

GLOBO.COM. UFU registra evasão crescente de alunos em cursos nos últimos anos. **G1 do Triângulo Mineiro**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/noticia/2015/09/ufu-registra-evacao-crescente-de-alunos-em-cursos-nos-ultimos-anos.html>>. Acesso em: 13 set. 2015.

HERR, E. Abordagens às intervenções de carreira: perspectiva histórica. In.: TAVEIRA, M. C.; SILVA, J. T. **Psicologia Vocacional: Perspectivas para a intervenção**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008.

OLIVEIRA, R. S. **Relações entre interesses ocupacionais e variáveis de carreira em estudantes de psicologia**. 2011. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Psicologia. Disponível em: <[http://www.pospsi.ufba.br/Rafael\\_Oliveira.pdf](http://www.pospsi.ufba.br/Rafael_Oliveira.pdf)>. Acesso em: 13 set. 2015.

SCHEIN, E. H. **Identidade Profissional**: como ajustar suas inclinações a suas opções de trabalho. São Paulo: Nobel, 1996.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. Pró-Reitoria de Graduação - PROGRAD. **Apresentação do Prossiga**. Disponível em: <<http://www.prograd.ufu.br/prossiga>>. Acesso em: 13 set. 2015.

VALORE, L. A. Orientação Profissional em Grupo na Escola Pública: direções possíveis, desafios necessários. In.: LEVENFUS, R. S.; SOARES, D. H. P. & COLS. **Orientação Vocacional Ocupacional**: novos achados teóricos, técnicos e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa. Porto Alegre: Artmed, 2002.